

**Tindale, C. *Rhetorical argumentation. Principles of Theory and Practice*. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2004.**

Jorge Alberto Molina \*

O estudo da argumentação faz parte hoje de uma abordagem interdisciplinar da qual participam filósofos, lingüistas e estudiosos da comunicação. Esse campo de estudos recebeu, após o eclipse da Retórica, há mais ou menos cento e cinquenta anos, um novo impulso devido à aparição, na década de 50 do século passado, de duas obras, ambas escritas por filósofos que hoje são consideradas clássicos dentro da área: o *Tratado da argumentação*, dos belgas Perelman e Tyteca, e os *Usos do Argumento* do inglês Toulmin.

Embora a análise da prática argumentativa já tivesse sido iniciada na Grécia antiga pelos sofistas, foi Aristóteles que, em grande medida, fixou o marco teórico a partir do qual os autores posteriores abordaram a argumentação. O filósofo distinguiu três tipos de discurso argumentativo (silogismos na sua terminologia): o discurso demonstrativo ou científico, cuja forma é objeto de estudo dos *Primeiros Analíticos* e cujo uso na ciência é normatizado nos *Segundos Analíticos*, o discurso dialético, apresentado por ele nos seus *Tópicos* e nas *Refutações Sofísticas*, e o discurso retórico, tema da sua obra, cujo título é precisamente *Retórica*. O estagirita explicitou sua distinção na forma seguinte: o discurso demonstrativo é aquele que procede de premissas necessariamente verdadeiras e almeja demonstrar uma conclusão que seja também necessariamente verdadeira; já o discurso dialético é aquele que a partir de premissas

---

\* Professor da UNISC e da UERGS. E-mail: molina@unisc.br

prováveis, chega a uma conclusão também provável, e o discurso retórico, por sua vez, é aquele cujo objetivo consiste em persuadir a outros da aceitação de uma tese. A diferença entre Analítica e Dialética está dada, segundo Aristóteles, pela natureza das premissas, necessárias na primeira, prováveis na segunda.<sup>1</sup> Entretanto, para separar a Dialética da Retórica, Aristóteles usou, como critério, a função dos dois tipos de discursos: chegar a conclusões prováveis num caso, persuadir no outro.<sup>2</sup> Há também diferenças entre o contexto de emissão que acompanha esses diferentes discursos. O discurso demonstrativo ocorre no ensino de uma ciência, por um mestre que força o assentimento de um discípulo, ao mostrar-lhe as proposições que decorrem dos primeiros princípios.<sup>3</sup> O discurso dialético aparece quando uma tese é proposta por um dos participantes de um diálogo e outro participante manifesta seu desacordo com essa tese. Nesse caso, o discurso dialético visa a resolver uma diferença de opinião através da argumentação. O discurso retórico é aquele que é proferido face a uma assembléia, uma multidão, ou um corpo colegiado qualquer. A classificação aristotélica dos discursos argumentativos e a identificação de suas respectivas situações de emissão determinaram para a posteridade a perspectiva a partir da qual devia ser considerada a argumentação.

No estudo da argumentação, voltamos hoje a reconhecer aquelas três perspectivas identificadas por Aristóteles: lógica, dialética e retórica. Os autores que abordam a argumentação desde uma perspectiva lógica, como é o caso de Toulmin e dos lógicos formais e informais<sup>4</sup>, estarão interessados, dado um argumento qualquer, em determinar qual é a força com que se segue a conclusão a partir das premissas, bem como a ordem e o tipo de

---

<sup>1</sup> Cf. *Tópicos* 100 a 18-100b18.

<sup>2</sup> Cf. *Retórica* 1355b 25-35.

<sup>3</sup> Cf. *Refutações Sofísticas* 165b 1-10.

<sup>4</sup> Para ver as origens da Lógica informal ver: Johnson, R. H e Blair, A *Logical Self-Defense* 3 ed., Toronto: Mc Graw Hill-Reyerson, 1994, e Walton, D. *Informal Logic: A Handbook for Critical Argumentation*. New York: Cambridge University Press, 1989.

encadeamento das razões presentes nesse argumento. Aqueles que se aproximam da argumentação desde uma perspectiva dialética, como é o caso da escola holandesa de pragmadialética<sup>5</sup>, se ocuparão do tipo de regras que devem reger um diálogo argumentativo, isto é, dos procedimentos segundo os quais deve ocorrer a argumentação para que ela possa ser julgada razoável. No final, os que se aproximam da argumentação desde a perspectiva da Retórica se interessarão pela totalidade da situação argumentativa, considerando, dentro dela, não apenas o seu produto, que é o argumento proferido oralmente ou por escrito, mas também o emissor dele e o seu destinatário (audiência). Nessa última perspectiva, situam-se Perelman e Tyteca, que deram origem ao que se conhece como *Nova Retórica*, e também o autor cujo livro passamos a resenhar agora.

O livro do professor de Filosofia Antiga Christopher Tindale, da Universidade de Trent, Ontário, Canadá, *Rhetorical Argumentation*, coloca-se claramente dentro da abordagem retórica do estudo da argumentação. Esse texto está escrito com dois fins: defender a abordagem retórica face às perspectivas rivais, lógica e dialética; advogar por uma concepção mais ampla da Retórica que não considere essa disciplina só como uma arte para obter a persuasão por meio do discurso, mas como uma arte para ganhar novos conhecimentos sobre matérias que são objeto da deliberação.

No Capítulo 1, que tem por título *O giro retórico para a argumentação* (p. 1-26), Tindale tenta mostrar as insuficiências das abordagens lógica e dialética. O lógico, segundo Tindale, ocupa-se somente do produto da ação de argumentar, isto é, do argumento, e negligencia as condições de sua produção (p. 6-7). Dentro dessas condições, reconhecemos a audiência à qual se dirige aquele que argumenta, com seus valores e crenças. Também devemos levar em conta os conhecimentos compartilhados pelo argumentador e sua audiência. Esses conhecimentos determinam o que Tindale chama de entorno cognitivo (*cognitive environment*). Quando o lógico se

---

<sup>5</sup> Cf. Eemeren, F. H. van e Grootendorst, R. *A Systematic Theory of Argumentation. The pragma-dialectical approach*. Cambridge University Press, 2004.

encontra face a um argumento, lhe interessa saber se a conclusão se segue das premissas através de esquemas de inferência válidos. Esquemas ou formas válidas são caracterizados pela propriedade de permitir concluir uma verdade a partir de premissas verdadeiras, ou, expresso de um outro modo, eles se caracterizam por transmitir a verdade. A versão mais forte da abordagem lógica da argumentação é aquela da lógica formal, que considera que o que determina a validade de uma inferência é sua forma, sua estrutura. O objetivo da lógica formal seria, então, fornecer métodos para reconhecer quais são os esquemas de inferência válidos. Mas Tindale não polemiza contra essa concepção forte da abordagem lógica, que já tinha sido criticada sobretudo por Toulmin e Perelman, mas contra uma versão mais fraca da mesma, aquela da chamada lógica informal de D. Walton, J.A. Blair e R.H. Johnson (p. 8-14). Como alvo de suas críticas, Tindale escolhe o livro de R. H. Johnson, *Manifest rationality: A pragmatic theory of argumentation*. Conforme Tindale, Johnson reconheceu, nesse texto, a importância dos aspectos dialéticos na argumentação, pois, segundo Johnson, o argumentador, no ato de construir seu discurso, estaria pensando também nas possíveis objeções que seus ouvintes ou leitores poderiam fazer contra ele, objeções que determinariam a natureza do seu discurso. Assim, em certa medida, Johnson sai da abordagem lógica tradicional ao buscar relacionar a ordem das razões presente num argumento (*the illative tier*) com a audiência possível ou potencial (*the dialectical tier*). Entretanto, analisando as coisas desde outra perspectiva, Johnson mantém ainda traços da abordagem lógica tradicional, ao considerar que o objetivo da argumentação é a verdade, e não a verossimilhança, e ao expressar que a Retórica almeja só a persuasão.

O outro alvo visado no Capítulo 1 é a concepção dialética da argumentação, representada hoje pela escola holandesa de pragmadialética, formada, entre outros, por F. H. van Eemeren, R. Gootendorst e P. Houtlosser. Essa escola tenta recuperar parte do conteúdo da antiga dialética dos gregos, fundamentando-a agora na

integração da teoria de P. Grice<sup>6</sup> sobre as trocas verbais racionais com a teoria de Searle sobre os atos de fala. A pragmadialética se ocupa dos procedimentos segundo os quais ocorrem as trocas argumentativas entre um proponente de uma tese e seu oponente, quando os dois tentam resolver suas diferenças de opinião. Esses procedimentos não devem violar determinadas regras que encontram sua justificação nas normas estabelecidas por Grice para a comunicação racional. Tindale reconhece três defeitos nesse tipo de abordagem (p.14-19). Em primeiro lugar, mesmo que Van Eemeren e Houtlosser tenham integrado, em trabalhos recentes, a Retórica ao seu modelo<sup>7</sup>, eles a consideram a Retórica como uma servente (*handmaid*) da Dialética. Essa posição decorre do fato de os autores holandeses supracitados considerarem que a Dialética versa sobre questões abstratas ao passo que a Retórica se ocupa com casos específicos e que a efetividade desta deve estar subordinada à racionalidade daquela. Em segundo lugar, segundo Tindale, nem toda argumentação pode ser representada como um processo que visa a resolver diferenças de opinião entre dois adversários. Em terceiro lugar, outro defeito da abordagem pragmadialética está, para Tindale, em negligenciar que todo discurso argumentativo está dirigido a uma audiência que não se reduz ao oponente explícito de uma tese proposta. São procedimentos usuais, dentro do discurso argumentativo, a *prolepsis* ou antecipação, através da qual aquele que argumenta se adianta a possíveis objeções, e a *apóstrofe*, que consiste em se dirigir a um interlocutor ou grupo de interlocutores que não aparecem explicitamente dentro do diálogo argumentativo. A perspectiva da pragmadialética, segundo Tindale, não lograria encaixar, de forma satisfatória, dentro do seu modelo, esses recursos argumentativos.

---

<sup>6</sup> Cf. Grice, P. *Study in the Way of Words*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1989 e Grice, P. *Logic and conversation*. In: P.Cole e J.Morgan(eds.), *Syntax and Semantics*, v. 3: *Speech Acts*. New York: Academic Press, p. 41-58, 1975.

<sup>7</sup> Cf. Eemeren, F. H. van e Houtlosser, P. *Rhetoric in pragma-dialectics. Argumentation, Interpretation, Rhetoric*, [www.argumentation.spb.ru/2000\\_1/index.htm](http://www.argumentation.spb.ru/2000_1/index.htm), 2000.

O Capítulo 2, *Argumento como Retórica* (p. 29-57) possui um caráter histórico-filosófico. Nesse capítulo, Tindale se propõe como objetivo desfazer a concepção tradicional da Retórica vista como uma arte cujo único fim consistiria na persuasão e que não se importaria com valores epistêmicos. De acordo com nosso autor, tanto Platão quanto Aristóteles, nos transmitiram uma imagem distorcida da Retórica, o primeiro mais que o segundo. No *Górgias*, ela é apresentada por Platão como uma arte que consiste em iludir. Seria a uma genuína ciência da justiça o que a culinária é para a medicina ou a cosmetologia é para a ginástica.<sup>8</sup> Assim, se nós queremos apreender o seu autêntico caráter, sustenta Tindale, devemos ir até sua origem, nos sofistas gregos do século V. a.C., em personagens como Górgias e Protágoras. Neles reconheceremos a Retórica como uma arte convidativa (*Rhetoric as invitational*) cujo objetivo consiste na construção coletiva de conhecimentos e valores. Assim, não é verdade que essa arte negligencia qualquer tipo de valor epistêmico. Mesmo que a argumentação retórica não nos possa dar conclusões necessariamente verdadeiras, serve ela para sustentar conclusões prováveis. Em grande medida, Tindale atribui à Retórica características que Aristóteles já lhe outorgara na sua *Retórica*. Parte essencial dessa disciplina é a *inventio*, a arte de encontrar argumentos para defender uma determinada tese. Nesse labor de encontrar argumentos, descobrimos fatos e hierarquias de valores.

No Capítulo 3, *Retórica como argumento* (p. 59-86), Tindale se ocupa das figuras retóricas. No período final da Retórica greco-latina, as figuras retóricas começaram a ser consideradas como *trópoi*, recursos estilísticos destinados a embelezar o discurso literário, formas de usar a linguagem que alteram o significado literal das palavras.<sup>9</sup> A partir dessas perspectivas, foi feita a distinção tradicional entre figuras de palavras, como a aliteração e

---

<sup>8</sup> Cf. *Górgias*, 465.

<sup>9</sup> No final da Antigüidade, a Retórica se transformou de uma teoria da argumentação em uma arte para embelezar o discurso. Para o estudo desse processo ver: Todorov, T. *Teorias do Símbolo*, Cap. 2 e 3, Campinas: Papirus, 1996, e Ricoeur, P. *A Metáfora viva*. Estudos I e II, São Paulo: Loyola, 2000.

figuras de pensamento, como a ironia. Perelman e Tyteca se afastaram dessa caracterização e reconheceram também o valor argumentativo, e não apenas estilístico das figuras retóricas<sup>10</sup>. Elas podem ser ainda pensadas como esquemas argumentativos condensados. Assim, os autores do *Tratado da Argumentação* consideraram a metáfora uma analogia abreviada. Quando, por exemplo, nós falamos do outono da vida, estamos estabelecendo a seguinte analogia: o outono é para o ano o que a idade madura é para o tempo de vida. A metáfora surgiria, na visão de Perelman, a partir da omissão de dois termos da analogia<sup>11</sup>. Desde uma outra perspectiva, também J. Fahnestock reconheceu o valor argumentativo das figuras retóricas. O livro de Fahnestock, *Rhetorical figures in science*, ilustra o uso das figuras retóricas dentro do raciocínio científico. No Capítulo 3, Tindale, apoiando-se nas investigações de Perelman-Tyteca, de Reboul e de Fahnestock advoga por uma concepção das figuras mais ampla do que aquela que as considera como *tropoi*. Muitas figuras retóricas, afirma Tindale, são aptas para servir como argumentos e para engajar a audiência devido às maneiras como são interpretadas (p. 73-86).

O Capítulo 4, *Contextos retóricos e o dialógico* (p. 89-110), é um dos mais importantes do livro, quiçá o mais importante. Aqui Tindale tenta fazer uma síntese entre os aportes de Bakhtin<sup>12</sup> e aqueles vindos da Nova Retórica de Perelman-Tyteca. O conceito de polifonia que Bakhtin usou na análise de textos narrativos também pode ser aplicado ao texto argumentativo, porque nele reconhecemos também diferentes vozes. O texto argumentativo deve ser considerado como contendo, no seu seio, diferentes diálogos, mesmo quando, aparentemente, ele se reveste da forma de um

---

<sup>10</sup> Cf. Perelman, Ch. e Tyteca, L. O. *Tratado da argumentação*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. Segunda Parte, Cap. 3, p. 189-203.

<sup>11</sup> Cf. Perelman, Ch. e Tyteca, L. O. *Tratado da argumentação*, São Paulo: Martins Fontes, 1996. Terceira Parte, Cap. 3, p. 453-459.

<sup>12</sup> Cf. Bakhtin, M. *The dialogic interpretation: Four essays* Tradução para o inglês de C. Emerson e M. Holquist. Austin: University of Austin Press, 1981, e Bakhtin, M. *Speech genres and other later essays*. Tradução para o inglês de C. Emerson e M. Holquist, Austin: University of Texas Press, 1986.

monólogo, como no caso do ensaio filosófico ou sociológico. O argumentador está sempre argüindo contra alguém, contra um oponente que existiu, exista ou possa existir. Essas objeções reais ou possíveis determinam a forma de construção da argumentação. Nesse capítulo, Tindale introduz elementos do que ele chama do dialogismo de Bakhtin para construir um novo modelo para a argumentação desde uma perspectiva retórica.

No Capítulo 5, *Marcianos, filósofos e pessoas razoáveis: a construção da objetividade* (p. 115-130) Tindale se ocupa da seguinte estratégia argumentativa: como arma para fazer prevalecer seus pontos de vista, o argumentador se coloca fora da situação da argumentação (como se fosse um marciano) e julga seus oponentes irracionais. Assim, ele se poupa do esforço de construir um argumento para convencê-los. O recurso a esse expediente é uma forma de omitir o debate. Na seqüência, Tindale desenvolve a questão da possibilidade de se estabelecerem parâmetros de algum tipo para avaliar os argumentos, isto é, para distinguir entre um bom argumento e um argumento ruim. Um dos objetivos de qualquer teoria da argumentação é distinguir entre argumentos que possamos considerar razoáveis e argumentos falaciosos. Para aquele que advoga por uma abordagem lógica para a argumentação, o critério é claro: o argumento bom é aquele cuja conclusão se segue de premissas verdadeiras, usando esquemas de inferência corretos. É tarefa da Lógica, formal ou informal, identificar e inventariar esses esquemas, e o critério para reconhecê-los é claro: são válidos aqueles que nos levam de premissas verdadeiras a conclusões verdadeiras. Na perspectiva da pragmatialética, um argumento falacioso é aquele que viola alguma das regras necessárias para que tenha lugar uma discussão crítica. Mas, para quem advoga, como Tindale, por uma abordagem retórica, a distinção entre bons e maus argumentos deve estar dada em termos da audiência, nesse caso, pela audiência universal. É ela a fonte para os padrões objetivos que determinam uma boa argumentação.

No Capítulo 6, *Desenvolvendo a audiência universal* (p. 133-154), Tindale explicita o conceito de audiência universal,

introduzido nos estudos sobre argumentação por Perelman.<sup>13</sup> Cada argumento, observou Perelman, está dirigido a uma audiência específica, e aquele que o profere leva em conta isso. Mas há argumentos, como os da Filosofia, que estão dirigidos a qualquer ser humano, enquanto mero ser racional, fazendo abstração das particularidades que possam ter. Os homens, considerados desse modo, formam o que Perelman chama a audiência universal, que dá os parâmetros para a boa argumentação. Um argumento que convença a audiência universal é um bom argumento. É claro que essa é uma abstração, mas uma abstração, segundo Tindale, bem fundada porque surge a partir de uma idealização das audiências reais.

No Capítulo 7, *A verdade sobre os orangotangos: critérios opostos de adequação das premissas* (p. 157-177) Tindale se ocupa dos valores epistêmicos presentes na argumentação. Segundo a perspectiva lógica, o fim da argumentação é obter a verdade, conforme à perspectiva dialética, a verossimilhança, e de acordo com a retórica, a persuasão. Verdade e verossimilhança são valores epistêmicos. Como o autor redefine a Retórica, aproximando-a da Dialética dos gregos (e não da Dialética da escola holandesa da pragmadialética), torna evidente que considera o objetivo da argumentação a verossimilhança. Os valores epistêmicos são os que permitem fundamentar critérios de aceitação para um argumento. Se escolhermos a verdade como valor, falaremos de argumentos válidos e diremos que um argumento é válido quando, de premissas verdadeiras, obtemos conclusões verdadeiras. Se escolhermos a verossimilhança, falaremos de argumentos aceitáveis e diremos que um argumento é aceitável quando, de premissas verossímeis obtemos uma conclusão verossímil. A razão levantada por Tindale para preferir a verossimilhança à verdade é que, segundo ele, não existe nenhuma teoria filosófica satisfatória da verdade. A teoria da verdade como correspondência, ainda que aparentemente simples, só se mostra satisfatória no caso de linguagens artificiais, como os

---

<sup>13</sup> Cf. Perelman, Ch e Tyteca, L. O. *Tratado da argumentação*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. Primeira Parte, Cap. 1, p. 34-39.

sistemas formais estudados pelos lógicos matemáticos. Uma outra teoria da verdade é aquela da verdade como coerência. Mas Tindale apenas se refere a ela no seu livro. Uma terceira forma de teoria de verdade diz respeito àquelas teorias relativistas que situam a noção de verdade num determinado contexto sociocultural. Mas o autor não vê vantagens em aceitá-las, pois, em sua opinião, elas se acham muito mais próximas de nos dar um critério de aceitabilidade de argumentos que um de validade, de forma que chegamos, assim, ao mesmo resultado que teríamos obtido se, de início, houvéssimos colocado a verossimilhança como valor epistêmico a ser obtido através do discurso argumentativo.

O Capítulo 8, *Conclusões retóricas* (p. 179-190), é um resumo dos resultados obtidos. O título da primeira parte desse capítulo, *De Protágoras a Bakhtin*, nos dá idéia da novidade desse livro que está na tentativa de fazer confluír duas tradições intelectuais diferentes, a da Retórica clássica e a da polifonia e do dialogismo de Bakhtin, no intuito de obter um modelo satisfatório da argumentação.

*Rhetorical Argumentation* é um livro escrito por um filósofo, mas que interessa não apenas àqueles interessados na Filosofia antiga e na argumentação filosófica, mas também a todos os que estudam a comunicação e a linguagem. Cada capítulo está acompanhado por um resumo final, sumário das conclusões obtidas previamente. Além de referências a textos clássicos, o livro contém outras a trabalhos bem recentes que o autor analisa com suma atenção, mas que não são suficientemente conhecidos no nosso meio.